

A GLOBALIZAÇÃO EM “O MENINO E O MUNDO”

Andressa Silva Hoffmann^{1*}, Anderson Luiz Rodrigues de Oliveira¹, Thiago Batista
Biscaya de Souza¹, Micael Petri Lima Soares¹

¹UFGD

*Andressa Silva Hoffmann: andressa.hoff@hotmail.com

Vivemos em um mundo cada vez mais globalizado, onde algumas práticas normatizam transformações tão desiguais como sendo necessárias para o “desenvolvimento” da humanidade, fazendo com que os interesses econômicos internacionais se sobreponham às necessidades humanas mais básicas, como a própria segurança alimentar e a moradia. Essas transformações se especializam, sendo notadas na avassaladora desigualdade entre o que se entende por centro e aquilo que se denomina de periferia do sistema capitalista, também nos processos de exploração das matérias primas e da mão de obra barata de países “periféricos”. No sentido de compreender a interação desigual dos países, dentro da lógica da globalização, a pesquisa buscou discutir a animação “O menino e o mundo”, de Alê Abreu e, a partir da escolha da obra, foi possível analisar temas que perpassam as geografias do personagem principal, vinculando-os às problemáticas acerca do mundo globalizado e suas possibilidades e, dessa forma, estimular a autonomia da análise e do pensamento crítico dos acadêmicos de Geografia. Devido à pandemia COVID-19, a pesquisa foi realizada por meio de TIC’s (Tecnologias de Informação e Comunicação), fazendo uso da plataforma *GoogleMeet* como instrumento de exibição da animação, integração e debate entre os pesquisadores. A animação permite olhar para os processos de desigualdade social a partir da leitura da técnica como transformadora do espaço, demonstrando o caráter da mecanização do campo e das indústrias, que resultou no desemprego em massa e na migração para as cidades, o chamado êxodo rural. Isso tudo, somado à falta de condições materiais e má distribuição de renda, culminou na construção de moradias aglomeradas e sem infraestrutura, em locais precários, também na dificuldade de acesso da população a bens e serviços, insegurança alimentar e todo tipo de violência. No decorrer da

animação, o cinza da cidade é confrontado pelas cores e sons das manifestações políticas, se traduzindo na compreensão da cultura e da arte como ferramentas de resistência e enfrentamento ao autoritarismo e à homogeneização dos costumes. Em meio à “selva de concreto e aço”, cada vez que aparece em cena, a fênix, colorida, traz a ideia da possibilidade, da diversidade, da busca por uma nova realidade, por uma outra globalização. Diferentemente de quando a águia surge, remetendo à uma lógica repressiva, de militarização, massificação e ordenamento dos corpos. Nessa perspectiva, a pesquisa possibilita a ampliação do olhar para as contradições do mundo capitalista globalizado e suas (geo)grafias, também uma revisão de conceitos geográficos a partir de diferentes linguagens.

Palavras-chave: Geografias, Animação, Linguagens.

Agradecimentos: Ao PET/MEC pela concessão de bolsa aos autores.